MASP ACESSIBILIDADE

CADERNO DE FONTE AMPLIADA

HISTŌRIAS LATINO-AMERICANAS

Textos da exposição em fonte ampliada

Núcleo - A queda do céu

Português

MASP MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND

Lei Rouanet

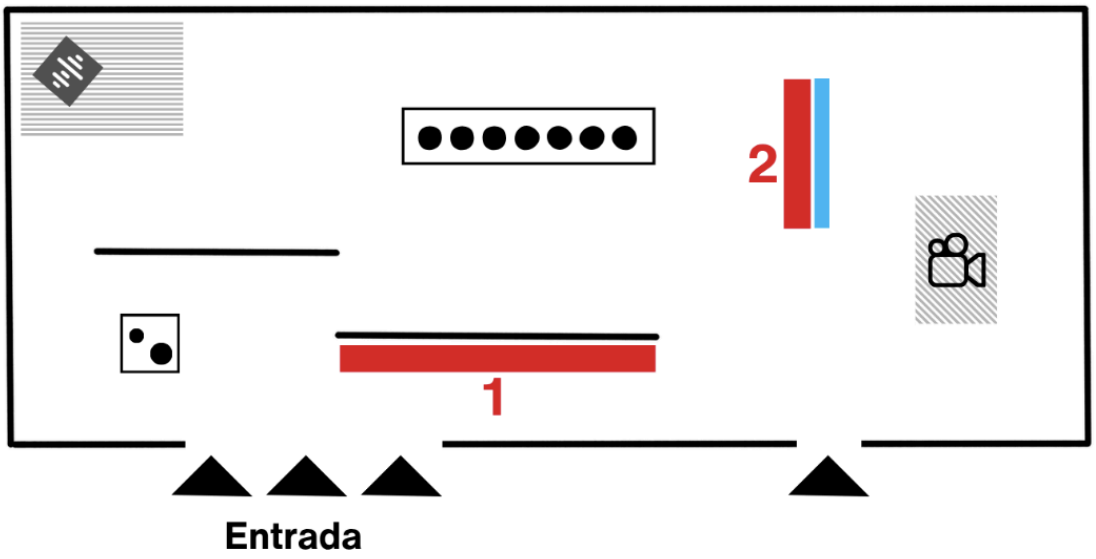
vale cultura

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO BRASIL DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Este caderno traz os textos da exposição em fonte ampliada para facilitar a leitura.

Mapas simplificados apontam, **em destaque**, onde estão os textos e obras mencionados.



O caderno apresenta os textos longos da exposição na ordem em que aparecem no espaço, além da lista de artistas em ordem alfabética.

SUMÁRIO - GALERIA PIETRO 2

MAPA DO ESPAÇO **3**

TEXTO DE APRESENTAÇÃO **4**

A QUEDA DO CÉU **10**

MAPA DOS ARTISTAS **13**

1. Santiago Yahuarcani 14
2. Nohemí Perez 16
3. Laura Lima 18
4. River Claure 20
5. Thiago Rocha Pitta 22
6. Podeserdesligado 24
7. Marcelo Cidade 26

8. Germán Venegas 28

9. Olinda Silvano 30

10. Fermín Revueltas 32

11. Manuel Chavajay 34

12. Wilfredo Lam 36

13. Randolpho Lamonier 38

14. Guadalupe Maravilla 40

15. Sergio Vega 43

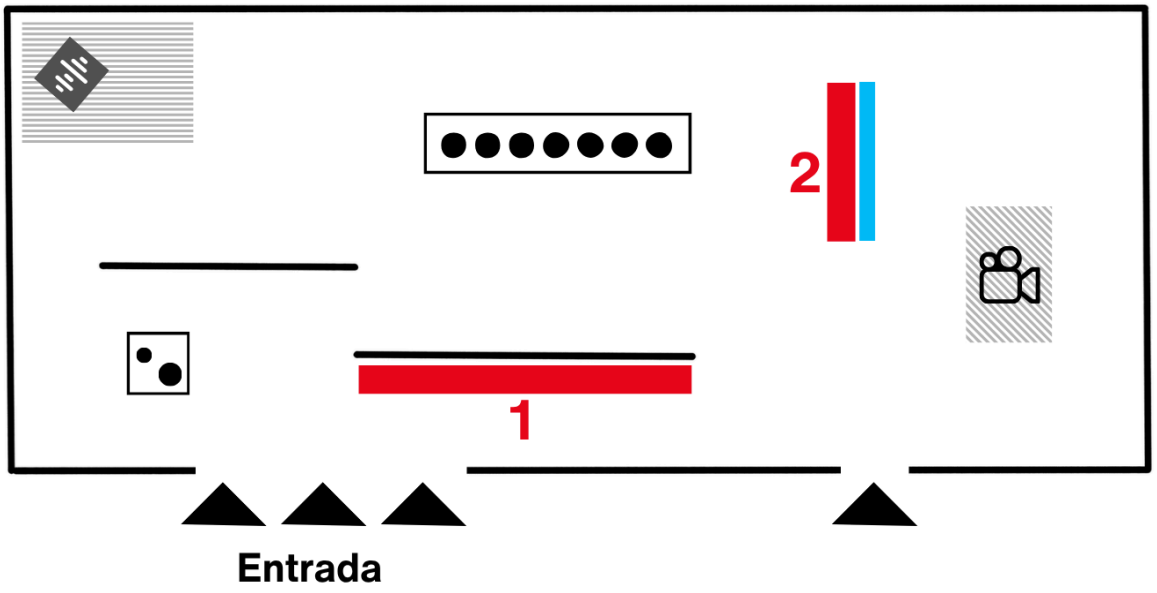
LISTA DE ARTISTAS EM ORDEM ALFABÉTICA 45

Entrada

Parede azul

1 Texto de apresentação

2 Texto A queda do céu



[Descrição do espaço em áudio e Libras]

1. TEXTO DE APRESENTAÇÃO

Histórias latino-americanas

Antes de nomear uma região, uma identidade ou uma comunidade de origem ou de destino, “América Latina” nomeia territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas — uma zona de disputas políticas, culturais e simbólicas marcada por invasões coloniais, movimentos de independência, modernizações autoritárias e lutas indígenas, negras, feministas e ecológicas. Consolidada no século 19, a noção designa o México, a América Central, parte do Caribe e a América do

Sul, onde predominam línguas de origem latina, sobretudo o espanhol e o português. Pensar a América Latina é, portanto, lidar com uma ideia instável. Histórias latino-americanas parte dessa instabilidade: não busca uma síntese totalizante, nem pretende fixar uma definição do que a América Latina significa. A exposição olha para o passado e o presente, perguntando como a região foi e continua sendo inventada, disputada e reinventada. Ocupando os cinco andares expositivos do Edifício Pietro, a mostra reúne 192 obras de 152 artistas, provenientes de 20 países. A seleção abrange a América Latina e suas diásporas, além de contextos

historicamente conectados à região. O conjunto articula obras do acervo do MASP com empréstimos de museus e coleções públicas e privadas do Brasil e do exterior. Em vez de organizar a arte latino-americana por escolas nacionais, movimentos ou sequências cronológicas, a mostra adota uma estrutura temática e produz encontros entre tempos distintos: objetos pré-coloniais convivem com produções contemporâneas, imagens devocionais e religiosas com obras conceituais, documentos e cartografias com pinturas, fotografias e vídeos. A exposição está organizada em cinco núcleos, cada um ocupando um dos andares do Edifício

Pietro. O mundo ao revés, no 6º andar, examina a invasão europeia das Américas e o papel das imagens na descrição, classificação e administração colonial dos territórios. Retórica do progresso, no 5º andar, trata dos projetos de modernização e industrialização e das promessas de racionalidade que produziram fábricas e cidades planejadas, mas também desigualdades e violências. Sociedades americanas, no 4º andar, volta-se para formas de vida coletiva e imaginação política, retomando tradições pedagógicas e emancipatórias e experiências de organização comunitária. Estamos en salsa, no 3º andar, percorre as rotas de circulação

de sons, mercadorias e imagens, além das migrações e diásporas que transformaram culturas latino-americanas. A queda do céu, no 2º andar, parte do pensamento indígena contemporâneo para refletir sobre o esgotamento das utopias modernas e reúne trabalhos em torno da tecnologia, da ecologia e do sonho diante da devastação produzida pela ideia de progresso. Histórias latino-americanas apresenta a região como um território de conflito e criação, cujas histórias, feitas de fraturas, sobreposições e persistências, continuam a ser produzidas e disputadas no presente.

Histórias latino-americanas é curada por Amanda Carneiro, curadora, e Julieta González, curadora adjunta de arte moderna e contemporânea, com assistência curatorial de Teo Teotonio, assistente curatorial. A exposição integra o ano dedicado às Histórias latino-americanas, que também inclui mostras individuais de Carolina Caycedo, Claudia Alarcón & Silät, Coletivo Acciones de Arte, Damián Ortega, Jesús Soto, La Chola Poblete, Manuel Herreros de Lemos e Mateo Manaure Arilla, Pablo Delano, Rosa Elena Curruchich, Sandra Gamarra Heshiki, Santiago Yahuarcani e Sol Calero, bem como mostras na Sala de Vídeo de Clara

Ianni, Claudia Martínez Garay, Edgar Calel, Oscar Muñoz e Regina José Galindo.

Texto de apresentação em áudio e Libras

2. A QUEDA DO CÉU

A história recente da América Latina tem sido marcada por projetos de futuro em disputa. Esgotado o brilho utópico do desenvolvimento, mas não a máquina que ele pôs em marcha, este núcleo volta-se para outras formas de conhecimento que a

razão colonial tratou como silêncio. Seu título retoma *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa, escrito em coautoria com o antropólogo Bruce Albert. No livro, a destruição da floresta amazônica na Terra Indígena Yanomami pela invasão garimpeira desencadeia uma catástrofe que ultrapassa a noção de crise ambiental. A queda nomeia o colapso concreto das relações que mantêm a vida de pé: uma catástrofe em curso, já experimentada muitas vezes por povos submetidos à colonização e à violência extrativista. Nas obras reunidas aqui, a própria máquina, que no presente surge como último rosto da extração,

revela-se parte da imaginação mobilizada por esses saberes. Sonho e mito aparecem como formas de conhecimento. A longa relação da arte latino-americana com o real maravilhoso é retomada para revelar como o onírico oferece um modo diverso de perceber a história e de criar as condições para não sucumbir ao mundo tal como ele está. O futuro, por sua vez, devolve o olhar ao presente: formigas desfazem o mapa do continente, enquanto uma profecia projeta para 2030 o reconhecimento tardio de que o Brasil pertence à América Latina.

Texto de núcleo em áudio e Libras

Entrada

Parede azul

1 Santiago Yahuarcani

2 Nohemí Pérez

3 Laura Lima

4 River Claure

5 Thiago Rocha Pitta

6 Podeserdesligado

7 Marcelo Cidade

8 Germán Venegas

9 Olinda Silvano

10 Fermín Revueltas

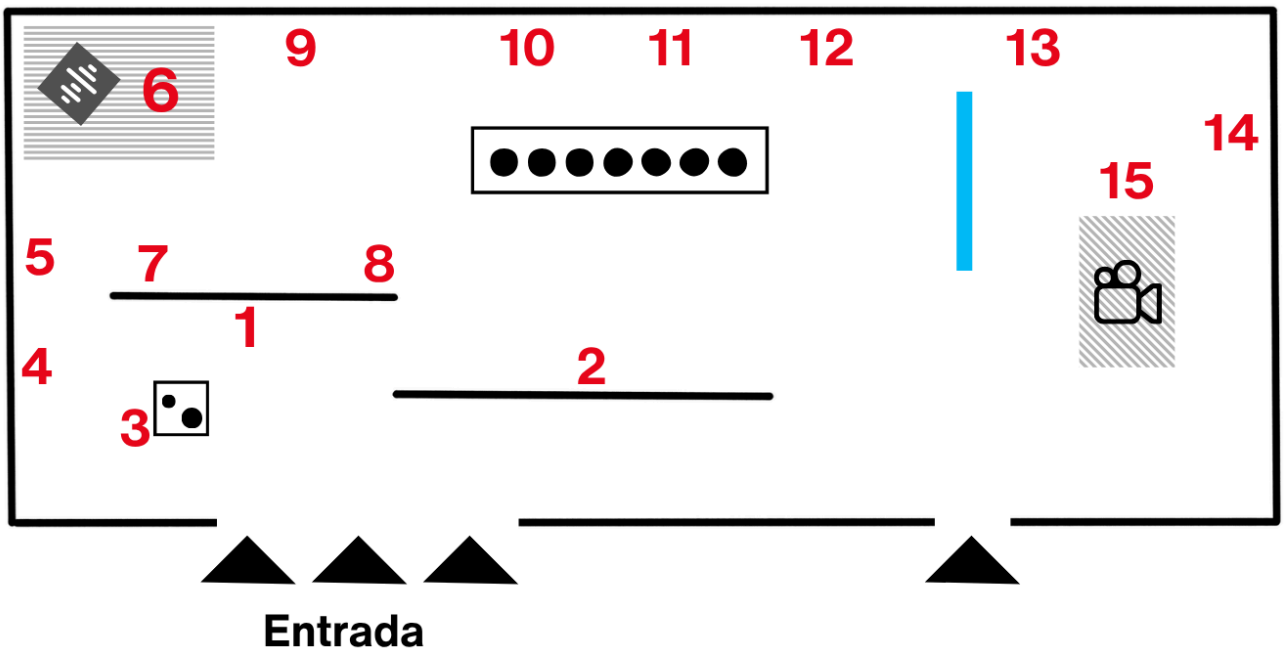
11 Manuel Chavajay

12 Wifredo Lam

13 Randolpho Lamonier

14 Guadalupe Maravilla

15 Sergio Vega



1. SANTIAGO YAHUARCANI

Pucaurquillo, Peru, 1960, Pebas, Peru

Los primeros hombres levantan el cielo, 2022

Tradução: Os primeiros homens levantam o céu

Pigmento natural e acrílica sobre llanchama – Coleção particular, Montevidéu

A obra de Santiago Yahuarcani abre o núcleo com uma imagem cosmogônica. Em *Los primeros hombres levantan el cielo*, produzida com tintas naturais sobre llanchama — suporte feito com material extraído da casca interna do renaco —

Ficus insipida ou *Ficus schultesii* — uma árvore amazônica — a pintura apresenta uma cena de trabalho coletivo em escala cósmica, na qual os primeiros homens sustentam o céu que, aqui, não constitui um objeto de mera contemplação. A imagem recusa a compreensão ocidental da criação como ato inaugural e acabado. O mundo não aparece como ordem dada, mas como um equilíbrio continuamente produzido por corpos, gestos e responsabilidades compartilhadas.

Descrição da obra em áudio e Libras

2. NOHEMÍ PEREZ

Tibú, Colômbia, 1962, vive em Bogotá

Panorama Catatumbo – 3 –, 2012-16

Carvão sobre tela – Instituto de Visión, Bogotá, Nova York

Catatumbo é uma região de floresta na fronteira entre Colômbia e Venezuela, cenário atravessado por mineração, narcotráfico, grupos armados e uma biodiversidade ameaçada. O carvão, cuja matéria conserva a memória da combustão e da mineração, é empregado por Pérez, conforme suas palavras, para desenhar a

floresta “sonhando com a sua regeneração”. Ela retoma o formato do panorama, historicamente associado à exibição colonial de territórios convertidos em espetáculo para o público europeu, subvertendo-o: a visão totalizante e domesticadora dá lugar a uma superfície ferida, na qual pequenas figuras bordadas de animais e de árvores registram aquilo que desaparece. Assim, a floresta abandona o registro contemplativo e entra em um campo de violência histórica.

3. LAURA LIMA

Governador Valadares, Minas Gerais, 1971, vive no Rio de Janeiro

Disco Voador #45*, *2026

Vidro, vidro opalinado, alumínio, aço galvanizado, aço inox e pedra – Coleção da artista, cortesia A Gentil Carioca, Rio de Janeiro

Mini Disco Voador #1, 2024

Aço galvanizado, aço inox, alumínio, vidro temperado, cerâmica e – Coleção da artista, cortesia A Gentil Carioca, Rio de Janeiro

Feitos de vidro, vidro opalinado, alumínio, aço, espelho, cerâmica e pedra, e montados também com talheres, os objetos se assemelham a máquinas de observação, cápsulas, instrumentos rituais ou pequenos corpos extraterrestres.

O disco voador pertence a uma imaginação moderna formada por tecnologia, medo, desejo de contato e ficção científica. Ao construí-lo com materiais frágeis, minerais e reflexivos, Lima reorienta essa imagem para um campo ambíguo: o objeto parece vir de fora, mas, na verdade, é construído com matérias mundanas e utensílios domésticos; ele sugere uma viagem cósmica, mas permanece preso a materiais terrenos, ao peso da pedra, do vidro e do metal.

4. RIVER CLAURE

Cochabamba, Bolívia, 1997, vive em Cochabamba

Yatiri, da série ***Warawar Wawa, 2019***

Fotografia digital colorida, impressão sobre papel algodão – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação Daniela Escobari no contexto da Biennale di Venezia, 2024, MASP.11552

Em *Yatiri*, um especialista ritual aimará aparece de poncho vermelho usando um par de óculos de realidade virtual. A imagem aproxima dois regimes de visão: de um lado, o yatiri, uma figura associada à

leitura de sinais, à cura e à relação com as forças não visíveis; de outro, a tecnologia digital, que promete acessar uma realidade aumentada ou simulada pela máquina. Claure não reduz essa justaposição ao contraste entre tradição e modernidade. A fotografia questiona quem tem autoridade para ver além do imediato, que tipos de visão são legitimados como conhecimento e como as tecnologias contemporâneas se apropriam de funções há muito atribuídas a práticas espirituais.

5. THIAGO ROCHA PITTA

Tiradentes, Minas Gerais, 1980, vive em São Paulo

Incêndio no Museu, 2021

Afresco – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação do artista no contexto da exposição *Histórias brasileiras*, 2021–22, MASP.11331

Em *Incêndio no Museu*, Thiago Rocha Pitta transforma o desastre em uma imagem mineral e atmosférica. O afresco mostra uma coluna de fumaça que se desprende de uma chama, em uma composição

vertical em que fogo, ar e matéria parecem pertencer ao mesmo acontecimento.
A obra evoca o incêndio que destruiu o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, mas Rocha Pitta convoca, para além desse desastre singular, a memória recente de acervos perdidos, arquivos destruídos e instituições que se veem incapazes de proteger o que deveriam preservar. Ao escolher a técnica do afresco — historicamente ligada à parede e à permanência — o artista inscreve essa perda na longa escala da devastação, produzindo uma imagem de destruição sobre um suporte feito para durar e permanecer.

6. PODESERDESLIGADO

Rio de Janeiro, 1988, vive em São Paulo

Quando o céu cai dentro do ouvido, 2026

Instalação sonora, fita magnética e estruturas metálicas – Coleção da artista, São Paulo

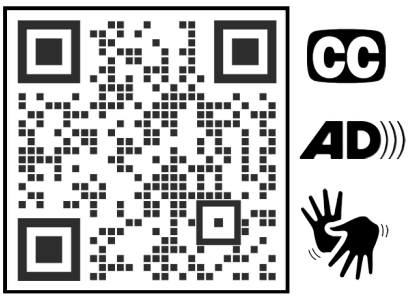
Quando o céu cai dentro do ouvido transforma a máquina em um instrumento de escuta.

As hastes metálicas sustentam e conduzem uma fita magnética pelo espaço, transformando o seu percurso em um desenho tridimensional, escultórico. A fita corre num loop analógico contínuo, tornando visível o trajeto físico do som

entre gravação, armazenamento e reprodução.

O áudio foi captado no próprio espaço expositivo e, depois, manipulado digitalmente, de modo que a obra entrega ao ambiente uma versão ficcionada da sua própria memória sonora. O título do trabalho toma como referência Davi Kopenawa, mas desloca a queda do céu para dentro do corpo: o céu desaba não no horizonte, mas no ouvido, como se a catástrofe fosse, antes de tudo, uma questão de escuta.

Descrição da obra em áudio e Libras



7. MARCELO CIDADE

São Paulo, 1979, vive em São Paulo

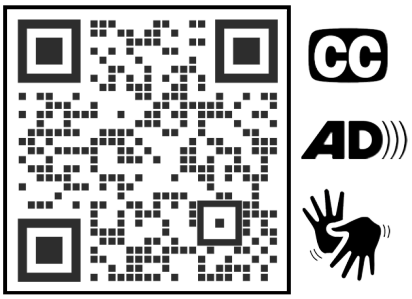
Sul realismo do sul, 2026

Carimbo sobre parede – Cortesia do artista e Galeria Vermelho, São Paulo

Em diferentes locais do espaço expositivo, Marcelo Cidade intervém com um carimbo no qual o título da obra se repete sucessivamente, transformando-se em linhas e desenhos que lembram formas geométricas e caminhos de circuitos fechados. O título alude à ideia de que aquilo que pode parecer surreal a partir de uma perspectiva europeia corresponde

muitas vezes à própria realidade da América Latina. O gesto mecânico e sequenciado produz um jogo de palavras que, quando lido em voz alta, permite também ouvir “surrealismo”, acrescentando uma camada interpretativa relacionada ao movimento surrealista e às formas como ele se expressou no contexto latino-americano.

Descrição da obra em áudio e Libras



8. GERMÁN VENEGAS

La Magdalena Tlatlauquitepec, México, 1959, vive na Cidade do México

Danza de Coatlicue, 2013

Madeira entalhada e estucada – Coleção Fundación Amparo, Museo Amparo, Puebla, México

Em *Danza de Coatlicue*, Germán Venegas apresenta a divindade mexicana da terra, mãe do Sol, da Lua e das estrelas, ligada à fertilidade, à morte e à regeneração. Na cosmogonia *nahua*, Coatlicue tem a cabeça e a saia de serpentes, e tudo conhece, pois olha ao mesmo tempo para a frente e para

trás, para o passado e para o futuro. Esculpida em madeira entalhada e revestida de estuque, a figura parece retorcida, vertical, quase instável, suspensa entre queda e ascensão. Coatlicue surge na obra de Venegas como uma imagem em permanente transformação, atravessada por uma tensão física e uma força ambígua.

9. OLINDA SILVANO

Padre Marquez, Peru, 1969, vive na comunidade indígena Cantagallo

El poder del chamán, 2023

Tradução*:* O poder do xamã

Bordado sobre tecido – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação Eduardo Leme, 2025, MASP.11654

Na obra, Silvano apresenta uma imagem bordada a partir da tradição visual do povo Shipibo-Konibo, o kené, em que os padrões geométricos materializam as visões que surgem com o consumo da ayahuasca. Nas

visualidades amazônicas, esses desenhos operam como
sistemas de conhecimento, cura, canto, memória e relação com o mundo espiritual; no kené, cada traçado corresponde a uma melodia xamânica, um canto que se vê. Anunciado no título, “o poder
do xamã” manifesta-se na capacidade de articular planos distintos da realidade, e não no espetáculo individual. Essa obra afirma a contemporaneidade de um sistema visual que o colonialismo tentou reduzir a artesanato ou etnografia, e que Silvano reivindica como “futurismo ancestral”.

10. FERMÍN REVUELTAS

Santiago Papasquiaro, México,

1901—1935, Cidade do México

La danza del venado, 1933

Tradução: A dança do cervo

Óleo sobre tela – Coleção Andrés Blaisten, México

Na pintura, a dança ritual dos povos indígenas do noroeste do México, sobretudo dos *Yaqui*, retrata uma cena em que o dançarino encarna o cervo num corpo atravessado por música e movimento. Revueltas traduz a cena para

uma linguagem de forte condensação formal, evitando o pitoresco: não existe o índio-arquétipo nem o exotismo com que se costumava identificar “o mexicano”.
O corpo humano e o corpo animal se aproximam, a paisagem se faz quase teatral, e a dança comparece como mediadora entre comunidade, território e mundo espiritual.

11. MANUEL CHAVAJAY

Tz’utujil Maya, San Pedro de La Laguna, Guatemala, 1982, vive em San Pedro La Laguna

Ch’umil kaj/estrellas en la Via Láctea, 2024

Tradução: Ch’umil kaj/estrelas na Via Láctea

Cerâmica, acrílica e tinta spray – Coleção do artista, Lima

Manuel Chavajay reúne cerâmicas suspensas que recordam as ânforas tradicionais da região do lago de Atitlán, na Guatemala, mas cujo exterior de cor escura evoca o óleo de motor, em referência à poluição gerada pelas lanchas e pelo turismo no lago onde vive seu

povo, os Tz’utujil. Em seu interior, esses recipientes guardam a Via Láctea, onde os ancestrais Tz’utujil comunicam o tempo, os sonhos e a história. Assim, um só objeto carrega as duas faces do núcleo: a contaminação extrativista por fora, o céu cosmológico por dentro. Em língua maia, o título desse trabalho funciona como uma provocação à astronomia como objeto científico ocidental, alçando-a à outra dimensão do saber: as estrelas migram do longe inalcançável para o interior de algo moldado pela mão.

Descrição da obra em áudio e Libras

12. WILFREDO LAM

Sagua La Grande, Cuba, 1902 – 1982, Paris

Composition, 1944

Tradução: Composição

Óleo sobre papel montado sobre tela –

Coleção particular, cortesia Galería Sur,

Punta del Este, Uruguai

Em *Composition*, corpo, planta, animal e espírito se confundem. A pintura pertence ao momento em que Lam cruza o vocabulário do modernismo europeu com a iconografia da santería, religião afro-cubana. Desse “cruzamento” surgem

as figuras *femme-cheval* – mulher-cavalo –, que povoam sua produção do período: no transe da santería, o iniciado é o “cavalo” montado pelo orixá e o corpo se torna montaria do espírito.

Na obra, linhas, cores e figuras emergem de uma zona em transformação, recusando toda cena estável, e Lam rejeita a natureza tropical como paisagem disponível ao olhar: seu espaço é habitado por presenças híbridas, uma junção entre o visível e o invisível.

13. RANDOLPHO LAMONIER

Contagem, Minas Gerais, 1988, vive em São Paulo

Em 2050 descobrimos: Brasil é América Latina!, da série *Profecias****, 2018***

Bordado, colagem e costura em tecido – Coleção Francisco Gracindo, Rio de Janeiro

Em 2050 descobrimos: Brasil é América Latina! tem a força de uma revelação tardia, projetando para o futuro uma constatação que deveria ser evidente: a de que o Brasil pertence à América Latina. O humor ácido expõe uma recusa histórica, cultural e política. Ao formular essa afirmação como

profecia, Lamonier transforma o futuro em um instrumento crítico do presente. O ano de 2050 é uma data absurda de um reconhecimento atrasado. A obra costura texto, tecido e imagem para produzir uma profecia popular e incisiva, na qual o futuro revela menos uma novidade do que uma cegueira persistente.

14. GUADALUPE MARAVILLA

San Salvador, El Salvador, 1976, vive em Nova York

Migratory Birds Riding the Celestial Serpent, 2021

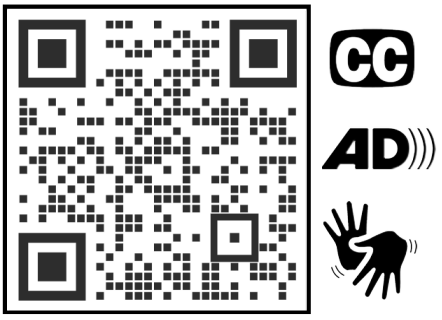
Tradução: Aves migratórias montando a serpente celestial, 2021

Folhas de agave, mistura de cola e objetos recolhidos durante um ritual que reconstituiu a rota de migração original do artista – Cortesia do artista e P·P·O·W, Nova York

Aos oito anos, Guadalupe Maravilla deixou El Salvador durante a guerra civil e atravessou a América Central e o México até chegar aos Estados Unidos, onde reencontrou sua família. Décadas depois, o artista refez a rota de sua migração em um ritual no qual recolheu objetos encontrados pelo caminho e os incorporou a esta escultura. O formato da obra remete à serpente emplumada Quetzalcóatl, importante figura das cosmologias mesoamericanas associada à transformação, à regeneração e ao trânsito entre diferentes esferas. Ao incorporar à forma da serpente os vestígios de uma rota migratória ainda

ativa, Maravilla reelabora uma experiência marcada pela violência, pela perda e pela vulnerabilidade, transformando-a em um dispositivo de proteção, continuidade e preservação de uma memória simultaneamente individual e coletiva.

Descrição da obra em áudio e Libras



15. SERGIO VEGA

Buenos Aires, 1959, vive na Flórida, Estados Unidos

Fueron las Hormigas, 2018

Tradução: Foram as formigas

Vídeo, 3'01" – Coleção do artista, Gainesville, Estados Unidos

Filmado de cima, o vídeo mostra uma América Latina desenhada com frutas tropicais sendo lentamente devorada por formigas, até que o mapa do continente se desfaz. No título do trabalho, “foram as formigas” atribui a esses pequenos corpos

coletivos a autoria do desmonte. Em poucos minutos, a obra inverte a hierarquia moderna entre espécies, já que são as formigas que consomem e dissolvem o território. Nessa obra, a catástrofe, muito além de uma cena de ruína súbita, se apresenta como um trabalho miúdo e contínuo de outra forma de agência — aquela que reconhece, fora do humano, inteligência coletiva, orientação e apetite capazes de refazer e desfazer um continente inteiro.

LISTA DE ARTISTAS EM ORDEM ALFABÉTICA

BEATRIZ GONZÁLEZ

Historias Wiwa II papel de colgadura, 2015

Tradução: Histórias Wiwa II: papel de parede

Serigrafia sobre papel de parede – Cortesia Estate of Beatriz González e Casas Riegner, Bogotá

EDGAR CALEL

Ru Tzubial Jun Xar Paruwi Qa Tikon (mirada de un pájaro sobre nuestra siembra), 2024

Tradução: Ru Tzubial Jun Xar Paruwi Qa Tikon (vista de um pássaro sobre nossa plantação)

Óleo sobre tela – Cortesia do artista e Mendes Wood DM, São Paulo, Bruxelas, Paris, Nova York

FERMÍN REVUELTAS

La danza del venado, 1933

Tradução: A dança do cervo

Óleo sobre tela – Coleção Andrés Blaisten, México

GERMÁN VENEGAS

Danza de Coatlicue, 2013

Madeira entalhada e estucada – Coleção Fundación Amparo, Museo Amparo, Puebla, México

GUADALUPE MARAVILLA

Migratory Birds Riding the Celestial Serpent, 2021

Tradução: Aves migratórias montando a serpente celestial

Folhas de agave, mistura de cola e objetos recolhidos durante um ritual que reconstituiu a rota de migração original do artista – Cortesia do artista e P·P·O·W, Nova York

JAIDER ESBELL

A visita aos ancestrais, 2021

Acrílica sobre tela – Coleção particular, São Paulo

LAURA LIMA

Disco Voador #45, 2026

Vidro, vidro opalinado, alumínio, aço galvanizado, aço inox e pedra – Coleção da artista, cortesia A Gentil Carioca, Rio de Janeiro

Mini Disco Voador #1, 2024

Aço galvanizado, aço inox, alumínio, vidro temperado, cerâmica e pedra – Coleção da artista, cortesia A Gentil Carioca, Rio de Janeiro

LUCHITA HURTADO

Feathers in the Sky, circa 1976

Tradução: Penas no céu

Óleo sobre tela – Museum of Fine Arts, Houston, doação Raphael e Jane Bernstein, Estados Unidos

MANUEL CHAVAJAY

Ch’umil kaj/estrellas en la Via Láctea, 2024

Tradução: Ch’umil kaj/estrelas na Via Láctea

Cerâmica, acrílica e tinta spray – Coleção do artista, Lima

MARCELO CIDADE

Sul realismo do sul, 2026

Carimbo sobre parede – Cortesia do artista e Galeria Vermelho, São Paulo

NOHEMÍ PÉREZ

Panorama Catatumbo (3), 2012-16

Carvão sobre tela – Instituto de Visión,

Bogotá, Nova York

OLINDA SILVANO

El poder del chamán, 2023

Tradução: O poder do xamã

Bordado sobre tecido – Museu de Arte de

São Paulo Assis Chateaubriand, doação

Eduardo Leme, 2025, MASP.11654

PODESERDESLIGADO

Quando o céu cai dentro do ouvido, 2026

Instalação sonora, fita magnética e estruturas metálicas – Coleção da artista, São Paulo

RANDOLPHO LAMONIER

Em 2050 descobrimos: Brasil é América Latina!, da série Profecias, 2018

Bordado, colagem e costura em tecido – Coleção Francisco Gracindo, Rio de Janeiro

RIVER CLAURE

Yatiri, da série Warawar Wawa, 2019

Fotografia digital colorida, impressão sobre papel algodão – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação Daniela Escobari no contexto da Biennale di Venezia, 2024, MASP.11552

SANDRA VÁSQUEZ DE LA HORRA

Visiones del Arcoiris, 2025

Tradução: Visões do arco-íris

Aquarela, guache e cera de abelha sobre papel artesanal – Coleção Daniella e Flavio Falcão Bauer, cortesia Sprovieri e Gomide&Co, São Paulo

SANTIAGO YAHUARCANI

Los primeros hombres levantan el cielo, 2022

Tradução: Os primeiros homens levantam o céu

Pigmento natural e acrílica sobre llanchama – Coleção particular, Montevidéu

SERGIO VEGA

Fueron las Hormigas, 2018

Tradução: Foram as formigas

Vídeo, 3'01" – Coleção do artista, Gainesville, Estados Unidos

SOLANGE PESSOA

Sem título, da série Sonhíferas, 2020-21

Óleo sobre tela – Coleção Örneberg, São Paulo

THIAGO ROCHA PITTA

Incêndio no Museu, 2021

Afresco – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação do artista no contexto da exposição Histórias brasileiras, 2021–22, MASP.11331

WIFREDO LAM

Composition, 1944

Tradução: Composição

Óleo sobre papel montado sobre tela –

Coleção particular, cortesia Galería Sur,

Punta del Este, Uruguai